



A crítica machadiana e o realismo de uma outra realidade

The Machadian Criticism and the Realism of Another Reality

Teresinha Vânia Zimbrão Silva

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, Minas Gerais / Brasil

teresinha.zimbrao@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0002-9866-1151>

Resumo: O presente trabalho procura mostrar o quanto a crítica machadiana, representada sobretudo pelos nomes de Roberto Schwarz e, em certa medida, do brasileiro John Gledson, questionou os padrões normativos e eurocêntricos da crítica literária ocidental, apresentando uma proposta produtiva para o estudo da obra do escritor brasileiro Joaquim Maria Machado de Assis (1839–1908). O trabalho explicita que a proposta dessa crítica consistiu em ler o texto machadiano como a manifestação do realismo de uma outra realidade. Por fim, conclui que essa crítica não hesitou em desafiar os limites impostos pela Europa ao conceito de realismo literário de modo que este, redefinido, pudesse acolher um excêntrico (fora do centro) realismo brasileiro.

Palavras-chave: realismo; Machado de Assis; Roberto Schwarz; John Gledson.

Abstract: This paper seeks to show how much Machadian criticism, represented above all by the names of Roberto Schwarz and, to a certain extent, the Brazilianist John Gledson, questioned the normative and Eurocentric standards of Western literary criticism, presenting a productive proposal for the study of the work of Brazilian writer Joaquim Maria Machado de Assis (1839–1908). The work explains that the proposal of this criticism consisted of reading the Machadian text as a manifestation of the realism of another reality. Finally, it concludes that this criticism did not hesitate to challenge the limits imposed by Europe on the concept of literary realism so that it, redefined, could embrace an eccentric (off-center) Brazilian realism.

Keywords: realism; Machado de Assis; Roberto Schwarz; John Gledson.

[O] realismo foi procurando definições, demasiadamente numerosas e complementares para que alguma delas pudesse ser exata, mudando de adjetivo qualificativo para sobreviver, negando-se a si mesmo a possibilidade de perceber que os limites da realidade – se é que existem – estão muito mais longe do que consegue abarcar a sua percepção de miope de boa vontade.

(ADOUM, 1979, p. 201)

Foi Bertold Brecht que observou que o critério de amplitude e não o de restrição é o que mais convém ao conceito de realismo. A realidade [...] é infinita, e na América Latina toda a realidade, incluída a visível, ainda está por ser descoberta: nem sequer se sabe onde ficam as fronteiras das grandes propriedades feudais. Muito menos os limites entre o real e o fantástico.

(ADOUM, 1979, p. 209–210)

Introdução

A segunda metade do século XX deu margem a uma discussão produtiva sobre o conceito de realismo no contexto dos estudos da literatura Latino-Americana. Essa discussão, que incluiu intelectuais nativos e latino-americanistas, partiu da análise de narrativas produzidas por autores de um amplo espectro temporal, incluindo nomes desde Joaquim Maria Machado de Assis (1839–1908) a Gabriel José García Márquez (1927–2014). Nesse artigo, explicitaremos o caso machadiano com o objetivo de mostrar o quanto essa crítica literária questionou os padrões normativos e eurocêntricos da crítica literária ocidental, apresentando propostas produtivas que possibilitaram o estudo do realismo de uma outra realidade.

1 O conceito de realismo

Nas décadas de 1970 a 1990, os estudos das relações entre ficção e história na obra de Machado de Assis, conduzidos sobretudo pelos

machadianos Roberto Schwarz e John Gledson, que defenderam o realismo machadiano, provocaram uma controversa discussão sobre o realismo e o vanguardismo do escritor. Como aprofundaremos mais adiante, Schwarz procurou iluminar essa ambiguidade sob o seguinte ângulo: defendeu ele então, que o próprio vanguardismo de Machado admitiria contornos de realismo – e aqui podemos acrescentar: de um realismo tal como este se apresenta em uma outra realidade.

Com a tese de Schwarz, concordou Gledson, defendendo a respeito do experimentalismo vanguardista do escritor: “Em outras palavras, experimentalismo era, [...] para Machado, uma coisa natural e necessária, uma imposição de objetivos fundamentalmente realistas”. (GLEDSON, 1987, p. 22, tradução nossa)¹. E completou, sublinhando o quanto era a própria realidade que motivava o vanguardismo da experimentação machadiana: “cada um de seus romances é uma resposta à realidade mutante, e essa própria realidade força o escritor honesto à uma mudança no estilo e no método narrativo.” (GLEDSON, 1987, p. 23, tradução nossa)².

Ora, um dos principais contra-argumentos à defesa do realismo machadiano compareceu nessa controvérsia entre o latino-americanista Alfred MacAdam e o mesmo Gledson. O primeiro, defendendo o Machado-vanguardista precursor da moderna narrativa latino-americana, classificou os esforços do segundo, para identificar o Machado-realista, de “[m] anipulação de Gledson do conceito de realismo”. (MACADAM, 1987, p. 13–14, tradução nossa).³

É verdade que MacAdam reconheceu a possibilidade de Machado de Assis ter se distanciado do realismo oitocentista por ter encontrado nos caprichos do setecentista Laurence Sterne, autor da obra *The life and opinions of Tristram Shandy, gentleman*⁴, uma fórmula mais adequada do que a outra para a representação da peculiar realidade do Brasil do Oitocentos. Ainda assim, o crítico, seguindo as definições de realismo literário (em que se inclui a presença do hegelianismo histórico) estabelecidas pela crítica do realismo europeu – principalmente o Georg Lukács na obra *The historical*

¹ In other words, experimentalism was, [...] for Machado, a natural and necessary thing, an imposition of fundamentally realist aims. (GLEDSON, 1987, p. 22).

² each of his novels is a chaging response to reality, and that reality itself forces on the honest writer a change in style and narrative method. (GLEDSON, 1987, p. 23).

³ Gledson’s manipulation of the concept of literary realism. (MACADAM, 1987, p. 13–14).

⁴ Cf. STERNE, 1983

*novel*⁵ – excluiu a possibilidade de definição do escritor brasileiro como realista e acusou Gledson de manipular o conceito para enquadrar Machado. (MACADAM, 1987).

A defesa do Machado-realista argumentou então que uma tal ampliação (ou manipulação como queria Alfred MacAdam) do conceito de realismo literário não poderia ser até produtiva? Ela permitiria a possibilidade de a crítica acompanhar, por entre as excentricidades daquilo que a princípio não parece realismo, a própria recepção do realismo (o movimento literário contemporâneo a Machado de Assis) por parte da literatura de uma realidade excêntrica (fora do centro)?

Pois esse é o argumento em que se baseia o trabalho de Roberto Schwarz em quem o brasilianista inglês John Gledson se inspirou. Em 1977, Schwarz publicou *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*,⁶ propondo uma relação original entre ficção e história, que o levaria a afirmar no prólogo da edição venezuelana do *Quincas Borba*: “Nossa tese é que essa ‘falta de realismo’ é um elemento do realismo brasileiro”. (SCHWARZ, 1979, p. XXII, tradução nossa).⁷

Entenda-se aqui por falta de realismo, a característica observada por este crítico como sendo a principal da narrativa machadiana, a saber: o capricho ou volubilidade do seu narrador (uma fórmula não-realista convocada ao Setecentos europeu). E entenda-se por elemento do realismo brasileiro, a aplicação realista dessa fórmula como uma estilização da conduta da classe dominante da sociedade brasileira oitocentista, tese desenvolvida por Roberto Schwarz ao longo de quase três décadas e que culminou com a publicação de *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*.⁸

Notemos então que essa sugestão de que a falta de realismo do escritor Machado antes se constitui como um elemento integrante do seu realismo (o realismo de uma outra realidade que não a europeia), motivou uma ampliação do conceito de realismo literário (pelo menos tal como apresentado por MacAdam) de modo que o mesmo pudesse acolher as

⁵ Cf. LUKÁCS, 1962

⁶ Cf. SCHWARZ, 1977

⁷ Nuestra tesis es que esta ‘falta de realismo’ es un elemento del realismo brasileño. (SCHWARZ, 1979, p. XXII).

⁸ Cf. SCHWARZ, 1990

excentricidades de um realismo brasileiro – que, ainda segundo Schwarz, veio a encontrar a sua expressão máxima no próprio Machado de Assis:

Fugindo dos esquemas do realismo-naturalismo europeu do século XIX, porém não do seu espírito inquisidor e filocientífico, que havia incorporado profundamente, Machado evitava mostrar-nos um Brasil europeizado [...], ou exótico [...], logrando assim ser em grande medida o maior realista brasileiro. (SCHWARZ, 1979, p. XX, tradução nossa).⁹

Pois, assim como Machado de Assis evitou descrever o Brasil por meio de um impróprio vocabulário europeu, também a crítica machadiana, considerando as relações entre ficção e história, se propôs a tarefa de evitar ler Machado a partir das impropriedades de um vocabulário importado à Europa. É o que veremos em seguida.

2 A crítica literária

Uma das infelicidades de ser-se um grande escritor de uma literatura que se tem por secundária está em que os críticos tendem sempre a aceitar para ela, os esquemas [...] das “grandes”, sem se informarem devidamente [...] sem se interrogarem.

(SENA, 1988, p. 325)

Propor tranquilamente à nossa literatura uma teoria *outra*, como se tentou, é repetir a atitude colonial, embora não se trate de começar do zero e ignorar os laços que mantemos com a tradição ocidental, que é também a nossa tradição, mas contra a qual devemos analisar nossas diferenças específicas. (tradução nossa).¹⁰

(RETAMAR, 1975, p. 128)

⁹ Huyendo de los esquemas del realismo-naturalismo europeo del siglo XIX, pero no de su espíritu inquisidor y filocientífico, que había incorporado profundamente, Machado evitaba mostrarnos un Brasil ya europeizado [...], ya exótico [...], logrando así ser en gran medida el mayor realista brasileño. (SCHWARZ, 1979, p. XX).

¹⁰ Proposer tranquillement à notre littérature une théorie autre - comme on l’a tenté - c’est répéter l’attitude coloniale, bien qu’il ne soit pas question de partir de zéro et d’ignorer les liens

Ao ler Machado, Schwarz se propôs evitar as impropriedades da crítica literária do realismo europeu – como explica o crítico Sérgio Paulo Rouanet (1991, p. 186): “Schwarz é um lukacsiano muito pouco convencional” – e, ao mesmo tempo, preencher as lacunas ao aplicar essa crítica ao caso brasileiro.

É o próprio Schwarz que chama a atenção na “conversa” sobre o seu livro *Um Mestre na Periferia do Capitalismo* para a necessidade da presença então de um excêntrico capítulo, aparentemente “não tem nada a ver com o resto” (SCHWARZ, 1991, p. 76), mas cuja função é a do preenchimento de uma importante lacuna, ou seja, a de iluminar o ainda obscuro funcionamento da sociedade do Brasil do Oitocentos, um tópico da sociologia que revela-se indispensável à crítica machadiana quando da consideração das relações entre ficção e história:

Por que é necessário num trabalho sobre Machado de Assis fazer um capitulozinho intermediário, que não é de análise estética, que é de análise sociológica? No livro há um capítulo – “A Matriz Prática” – que não tem nada a ver com o resto. Quer dizer, eu espero que tenha, é claro, mas em princípio é de uma ordem inteiramente diferente do resto. Eu venho vindo com uma análise estética e num dado momento interrompo a análise estética e procuro mostrar o funcionamento prático da sociedade que, se a minha análise estiver certa, levanta a problemática desenvolvida na ficção do Machado. (SCHWARZ, 1991, p. 76).

Diante da dissonância entre o comportamento dos personagens machadianos e o comportamento dos personagens do realismo europeu, Roberto Schwarz não descartou a possibilidade de um excêntrico realismo brasileiro que não se explicaria pela crítica daquele. Pois nesse “capitulozinho” intermediário, explica ele, procurou estabelecer, através de uma análise sociológica, os fundamentos de uma matriz prática que desse conta daquela excentricidade registrada na análise estética:

O ponto aí é o seguinte: é que esse tipo de conduta irresponsável, arbitrária que eu estava descrevendo no plano restrito do romance é tão irreal, tão esquisito, é tão fora do quadro do que nós pensamos ser uma conduta normal do cidadão do século XIX – e quando nós

que nous conservons avec la tradition occidentale qui est aussi notre tradition, mais vis-à-vis de laquelle nous devons analyser nos différences spécifiques. (RETAMAR, 1975, p. 128).

pensamos na conduta normal de um cidadão do século XIX, nós evidentemente estamos pensando num europeu –, que eu senti a necessidade de entender melhor. Aquela conduta do Brás Cubas parece um disparate total, entretanto você olha melhor, e diz: disparate mas muito correta – ele vive bem, está gordinho, bem alimentado, tem as damas pelas quais se interessa, enfim, ele passa bem obrigado. Então, existe aqui uma conduta inteiramente esdrúxula que dá certo. Como isso é possível? A partir da concepção normal que nós temos desde o romance realista, a partir da história européia, que é a concepção que está na nossa cabeça, isso não se explica. Essa interrogação nos leva a procurar uma matriz prática em que essa conduta aparentemente esdrúxula é a conduta normal. (SCHWARZ, 1991, p. 76).

As impropriedades e lacunas que se apresentaram quando da aplicação da crítica do realismo europeu à ficção machadiana motivaram o crítico a procurar uma matriz prática que viabilizasse o realismo do escritor, e ainda conduziram Schwarz a uma descoberta mais abrangente no que diz respeito à adequação da tradição crítica do centro à literatura da periferia:

Aí você de repente descobre que no país – talvez no continente inteiro ou em áreas inteiras da periferia do capitalismo – há certas condutas que do ponto de vista central aparecem como esdrúxulas, que entretanto são perfeitamente adequadas, que permitem viver etc. A peculiaridade do que estava sendo explorado num romance te leva a refletir sobre uma experiência histórica e a estabelecer essa matriz prática para uma experiência diferente. Isso foi necessário de certo modo para explicar a viabilidade daquele romance. (SCHWARZ, 1991, p. 76–77).

Estabelecida a matriz prática, Schwarz pode então identificar um tipo peculiar de relação entre ficção e história, ou seja, o capricho ou volubilidade do narrador machadiano, uma técnica do Setecentos, como uma estilização do comportamento do rico brasileiro – o que não seria explicável do ponto de vista estrito da crítica do realismo oitocentista europeu.

Por outro lado, a necessidade apontada por Schwarz de ter que dedicar, dentro de um livro de análise estética, um capítulo inteiro à exposição de um esquema histórico-sociológico do Brasil do Oitocentos, revela-se, como ele concluiu, uma peculiaridade da crítica literária que toma como objeto de estudo a literatura de um país periférico onde os conflitos, ao contrário do que acontece no centro, continuam em sua maioria desconhecidos:

Essa necessidade é interessante, talvez seja uma peculiaridade da crítica literária num país como o nosso. Se você estivesse fazendo uma análise desse tipo na Europa – por exemplo, sobre um romancista do século XIX –, você teria ali a ilustre companhia do senhor Marx, ou da historiografia de direita, e não vai passar pela cabeça do crítico inventar um esquema histórico-sociológico a título precário. Todo mundo conhece os conflitos, e o que varia mais é o ângulo, que vai ser conservador, ou de esquerda etc. Em relação ao Brasil não se conhecem os conflitos, esse é que é o negócio. Então o Machado, um escritor do nosso mundo, de certo modo obriga a uma reflexão sociológica que mostre como aquela problemática se reproduz e é a normalidade de uma sociedade (SCHWARZ, 1991, p. 77).

Eis então as explicações de Schwarz de como ele procurou contornar as impropriedades e lacunas decorrentes da aplicação, no estudo de um escritor brasileiro, de uma crítica originalmente concebida para estudar o realismo dos escritores europeus. Logo, ainda que também inspirado como MacAdam nas ideias de Lukács, Schwarz, em contradição com aquele, na sua respectiva análise da obra machadiana, concluiu pelo realismo de Machado de Assis: “Trata-se de um autor que está cheio de recursos de vanguarda, mas cujo efeito geral é realista. Machado de Assis é um autor extraordinariamente mimético sendo que ele usa recursos literários de uma literatura não-mimética.” (SCHWARZ, 1982, p. 317–318).

Afinal, como já afirmava a latino-americanista Jean Franco a respeito do pretenso universalismo das normas literárias estabelecidas a partir do estudo do romance europeu:

Nós conhecemos muito bem a crítica de Lukács [...]. Não é meu propósito resumir essas críticas e sim sublinhar como os padrões extraídos do romance europeu foram transformados em valores que se aplicam universalmente para avaliar os romances escritos em outras sociedades. Se nos basearmos na “grande tradição” do romance realista definida pela crítica liberal inglesa ou por Lukács, não podemos deixar de considerar o romance latino-americano uma aberração ou uma caricatura.” (FRANCO, 1975, p. 59, tradução nossa)¹¹.

¹¹ On connaît beaucoup plus la critique de Lukács [...]. Il n’est pas dans mon propos de faire le résumé de l’opinion de ces critiques mais de souligner comment les normes tirées du roman européen se sont transformées en valeurs qui s’appliquent universellement pour évaluer les romans écrits dans d’autres sociétés. Si on se fonde sur la “grande tradition” du roman réaliste défini par la critique libérale anglaise ou par Lukács on ne peut faire moins

Pois, fundamentando-se na grande tradição do romance realista, porém considerando as diferenças específicas do caso brasileiro, Schwarz estabeleceu na sua crítica literária um diálogo produtivo entre o Velho e o Novo Mundo, evitando possíveis impropriedades. E com esta sua conclusão a favor do realismo machadiano, convergiu o trabalho de Jonh Gledson, sobretudo com a publicação do seu estudo *The deceptive realism of Machado de Assis*.¹²

De modo que esses críticos, mesmo em face da excentricidade da prosa machadiana quando confrontada com a prosa do realismo europeu, ainda assim não hesitaram, dadas as evidências encontradas naquela de uma definitiva relação entre ficção e história – por mais excêntrica que esta se apresentasse – em contornar os limites impostos ao conceito de realismo literário de forma que o mesmo pudesse acolher um excêntrico realismo brasileiro.

Eis então a argumentação da crítica machadiana que defendeu o Machado-realista frente ao contra-argumento de manipulação do conceito de realismo literário. Contudo, há ainda um outro contra-argumento passível de ser levantado, que é o de como equacionar um tal realismo diante do excepcional vanguardismo demonstrado pelo escritor.

Notemos que, ao longo dos seus estudos, se Schwarz, por um lado, defendeu o realismo do capricho ou da volubilidade do narrador machadiano em sua condição de estilização do comportamento do rico brasileiro, por outro, ele não deixou de lhe reconhecer o seu vanguardismo. De fato, sobre o movimento deste volúvel narrador a ceticamente percorrer um conjunto de posições ideológicas das mais importantes na época sem se identificar com nenhuma delas, declarou o crítico: “Rimos aqui nada menos que das aquisições do Ocidente Moderno” (SCHWARZ, 1990, p. 54). Um riso machadiano, cético e vanguardista, a desconfiar das pretensões universalistas da modernidade ocidental.

Por sua vez, Antonio Candido, no “Esquema de Machado de Assis”, considerando a arcaica e fragmentária condição sterniana da narrativa machadiana, um efeito motivado novamente pelo capricho ou volubilidade do narrador, chegou à seguinte conclusão sobre o vanguardismo do escritor:

Curiosamente este arcaísmo parece bruscamente moderno, depois das tendências de vanguarda de nosso século, que também procuram

que de considérer le roman latino-américain comme une aberration ou une caricature. (FRANCO, 1975, p. 59).

¹² Cf. GLEDSON, 1984

sugerir o todo pelo fragmento, a estrutura pela elipse, a emoção pela ironia e a grandeza pela banalidade. Muitos dos seus contos e alguns dos seus romances permanecem abertos, sem conclusão necessária, ou permitindo uma dupla leitura, como ocorre entre os nossos contemporâneos. (CANDIDO, 1970, p. 22)

Ao que Schwarz (1979, p. XII, tradução nossa)¹³ acrescentou: “O romance de Machado participa [...] da destruição de formas a qual todas as vanguardas do mundo começaram a se dedicar como expressão da crise geral da cultura burguesa que se anunciava”. Mas mesmo tão excepcional vanguardismo, reconhecidamente presente na obra do Bruxo-Profeta do Cosme Velho, ainda foi equacionado por Schwarz em termos do realismo de ...

3 Um mestre na periferia do capitalismo

Sublinhemos mais uma vez, sob o risco de repetição, a surpresa da crítica diante da excepcionalidade do vanguardismo machadiano. Antonio Candido comentava ainda no seu “esquema”, a respeito da surpreendente modernidade da problemática da crise de identidade levantada pelos contos “O Espelho” e “O Alienista”: “notemos que este conto e o anterior, manifestam no fim do século XIX, o que faria a voga de Pirandello a partir do decênio de 1920”. (CANDIDO, 1970, p. 25). E o próprio Schwarz declarou sobre o caráter surpreendentemente moderno da tematização dos mecanismos despolicidados do desejo promovida pelo escritor principalmente a partir das *Memórias Póstumas*: “Machado de Assis é um autor que em 1880 está dizendo coisas que o Freud dirá 25 anos depois”. (SCHWARZ, 1982, p. 318).

Pois este papel de precursor da própria vanguarda europeia – segundo ambos os críticos Machado estaria a anteceder a mesma em décadas – se pertinente, conduz a crítica machadiana, sobretudo a que considera tal como Candido as relações entre literatura e sociedade ou entre ficção e história, a umas tantas outras questões – questões que, de certo modo, convergem com essa indagação do crítico Jorge de Sena em 1968 sobre a surpreendente maestria revelada por este grande escritor de uma “pequena” cultura: “Como foi isto possível numa literatura que ‘nascia’ (quando Machado começou a

¹³ La novela de Machado participa [...] de la destrucción de formas a la cual empezaban a dedicarse todas las vanguardias del mundo como expresión de la crisis general de la cultura burguesa que se venía anunciando. (SCHWARZ, 1979, p. XII).

sua carreira o Brasil mal tem trinta anos de existência) e que procurava a sua ‘realidade’?” (SENA, 1988, p. 334).

A pergunta ecoa: como foi isto possível em uma literatura tão jovem que nascia em uma cultura periférica (ou, nos termos de Sena, “pequena”)? Uma cultura ainda definida pelo machadiano Valentim Facioli (1982, p. 40) como a “cultura incipiente de um país deslocado dos centros intelectuais europeus e retardatária econômica, política e socialmente em relação ao capitalismo e a moderna divisão de classes e do trabalho internacional”. Não nos esqueçamos, por fim, que, ao contrário dos seus viajados narradores Brás, Bento e Aires, Machado jamais se ausentou do Brasil. Foi nesse ambiente cultural “retardatário” e “deslocado” que ele desenvolveu a sua excepcional sensibilidade de vanguardista. Assim, considerando a excepcionalidade do que Machado fez e onde fez fica a enigmática pergunta, que Schwarz faz a sua:

É surpreendente a que ponto Machado é absolutamente moderno [...]. Por outro lado, sendo um autor tão vanguardista, Machado é um autor muito brasileiro, e este é obviamente outro dos seus grandes enigmas. Como pode um cidadão do Rio de Janeiro daquele tempo e sendo tão brasileiro ser um autor tão de vanguarda? (SCHWARZ, 1982, p. 317).

Esse é o enigma que se impôs então à crítica machadiana: como foi possível ao escritor tamanha maestria ao ponto de ser capaz, mesmo da periferia do capitalismo oitocentista, vanguardisticamente, como defende Schwarz (1991, p. 76), “levantar ao primeiro plano da literatura contemporânea um universo cultural provinciano?”.

Tão enigmática pergunta, sendo estruturada dessa forma, a princípio empresta ao vanguardismo de Machado de Assis um caráter ainda mais excepcional, uma vez que não se trata apenas do mérito de ser vanguardista, mas ainda de o ser em condições tidas como adversas. Pois, como mencionamos, Schwarz tem formalizada uma possível solução para o grande enigma do Bruxo do Cosme Velho, e ela passa pelo equacionamento de seu tão excepcional vanguardismo em termos do seu realismo. E, veremos em seguida, que a formalização desta equação, paradoxalmente, caracteriza o caso machadiano como sendo um tipo de...

4 Vanguardismo “fácil”

Afirma Schwarz (1982, p. 317) sobre o vanguardismo e realismo machadiano: “Existe uma coisa muito curiosa em Machado de Assis [...]: uma espécie de vanguardismo que é ‘fácil’. [...]. Trata-se de um autor que está cheio de recursos de vanguarda, mas cujo efeito geral é realista.”

De início, apenas notemos que a solução proposta por Roberto Schwarz para o caso específico de Machado de Assis, ou seja, o caso do escritor capaz de enigmaticamente ser ao mesmo tempo tão brasileiro e tão de vanguarda, admite ser extrapolada, como o próprio crítico sugere, para um contexto mais geral: “Há aí um assunto interessante ligado à situação particular do Brasil, mas que com as devidas modificações deve valer para a América Latina e toda a periferia do capitalismo.” (SCHWARZ, 1982, p. 317).

O enigma reformulado parece tornar-se então: como é possível ao escritor de uma cultura periférica, dadas as supostas desvantagens do seu posicionamento dentro do sistema assim estabelecido, revelar ainda a competência para avultar como um excepcional vanguardista? Pois a solução que Schwarz propôs para um tal enigma paradoxalmente aponta para o fato de que tamanha excepcionalidade se deve justamente à particular posição deste escritor: “É como se a relativização das idéias dominantes de uma época, no centro, tivesse um peso explosivo e a relativização dessas mesmas idéias na periferia tivesse uma dimensão realista porque a sua relatividade é palpável”. (SCHWARZ, 1982, p. 318).

Segundo Schwarz, se considerarmos que os valores predominantes em um determinado período são gerados nos países centrais e importados pelos países periféricos, então faz sentido afirmar que estes valores pareçam naturais e absolutos no centro, ao passo que na periferia, em sua condição de estrangeiros e, portanto, parcialmente acomodados, eles não pareçam tão naturais ou absolutos. O crítico defende que a relativização de tais valores por parte do escritor periférico resulta menos de um trabalho de peso sobre conceitos e formas, do que de uma realística percepção da palpável relatividade dos mesmos. Em outras palavras, relativizar as ideias dominantes de uma certa época pode ser um movimento difícil no centro, porém “facilitado” por um certo tipo de privilégio cognitivo que oferece a periferia, onde o vanguardismo revela-se antes “fácil”, (ou seja, provocado pela própria realidade, ao ponto inclusive de, excentricamente, adquirir os

contornos do realismo de uma outra – excêntrica – realidade). Tese que Schwarz ilustra convocando o caso da desmistificação da ideologia burguesa:

[O]s valores burgueses que parecem naturais, que parecem absolutos, que parecem definir o homem de um modo geral na Europa mais avançada, nesses países da periferia, por diversas razões, não parecem naturais. De modo que a desmistificação da ideologia burguesa que, na Europa, foi uma façanha de filósofos – era preciso ser Nietzsche, era preciso ser Freud, era preciso ser Marx, para ver além das aparências – , no Brasil ou noutros países que tais, foi um ponto de vista bem menos audacioso, já que o sistema das aparências burguesas não se havia implantado de modo consistente. O caso do liberalismo é sugestivo: na Europa era preciso ser Marx para lhe descobrir a parcialidade social. No Brasil bastava ver o escravo na rua. (SCHWARZ, 1982, p. 317).

Sublinha o crítico que, dentre as diversas razões pelas quais o sistema das aparências burguesas não conseguia se implantar com consistência na sociedade brasileira oitocentista, sobressaía uma em particular: a persistência nessa sociedade, a despeito do seu intenso processo de aburguesamento, de uma instituição pertencente a um universo não-burguês, a escravidão. Pois, continua Schwarz, diante de um sistema de aparências burguesas tão inconsistente como o então organizado, a parcialidade social do liberalismo oferecia-se, nesse lado do Atlântico, excêntrica a descoberto: “Em outras palavras, o liberalismo era parte de uma comédia ideológica *diferente da europeia*”. (SCHWARZ, 1979, p. XVI, tradução nossa)¹⁴. O crítico ainda explica:

É claro que a liberdade de trabalho, a igualdade perante a lei e, de modo geral, o universalismo eram ideologia na Europa também; mas lá correspondiam às aparências, encobrendo o essencial – a exploração do trabalho. Entre nós, as mesmas ideias seriam falsas num sentido diverso, por assim dizer, original. A Declaração dos Direitos do Homem, por exemplo, transcrita em parte na Constituição Brasileira de 1824, não só não escondia nada, como tornava mais abjeto o instituto da escravidão. (SCHWARZ, 1977, p. 14).

¹⁴ En otras palabras, el liberalismo en Brasil era elemento de una comedia ideológica *diferente de la europea*. (SCHWARZ, 1979, p. XVI).

Segundo as reflexões de Schwarz, a desmistificação da ideologia burguesa (ideologia que no periférico Brasil do Oitocentos não conseguira se organizar de modo a implantar com consistência o sistema das aparências bem-sucedido do centro), no lado europeu do Atlântico representava uma verdadeira façanha de dimensão filosófica. Do outro lado, no entanto, (devido às inconsistências da sua efetiva organização em uma outra realidade), a desmistificação revelava uma dimensão antes realista, pois bastava ao indivíduo olhar para o contraste entre as suas vestes liberal-burguesas e a realidade do escravo na rua para ver além das aparências. Em outras palavras, e aqui as devolvemos a Roberto Schwarz, na periferia do capitalismo, em presença da escravidão:

[A]s idéias liberais não se podiam praticar, sendo ao mesmo tempo indescartáveis [...] eram adotadas [...] com orgulho, de forma ornamental, como prova de modernidade e distinção. [...] Conhecer o Brasil era saber destes deslocamentos conhecidos e praticados por todos como uma espécie de fatalidade. [...] este sistema de impropriedades decerto rebaixava o cotidiano da vida ideológica e diminuía as chances de reflexão. Contudo facilitava o ceticismo em face das ideologias, por vezes bem completo e descansado e compatível aliás com muito verbalismo. Exacerbado um nadinha dará na força espantosa da visão de Machado de Assis. Ora, o fundamento deste ceticismo não está seguramente na exploração refletida dos limites do pensamento liberal. Está, se podemos dizer assim, no ponto de partida intuitivo, que nos dispensava o esforço. [...] Assim o que na Europa seria verdadeira façanha da crítica, entre nós podia ser a singela descrença de qualquer pachola, para quem utilitarismo, egoísmo, formalismo e o que for, são uma roupa entre outras, muito da época mas desnecessariamente apertada. [...] uma gravitação complexa [...] na qual a ideologia hegemônica do Ocidente faz figura derrisória, de mania entre manias. (SCHWARZ, 1977, p. 22–23).

Seguindo o raciocínio de Schwarz, o ceticismo demonstrado por Machado de Assis (cuja expressão formal registra-se em termos da volubilidade do seu narrador a ceticamente trocar um registro por outro sem se identificar com nenhum deles), adquire então contornos dos mais realistas, ou seja, revela-se como sendo antes fruto da intuição motivada pela realidade do escravo na rua do que de um trabalho sobre conceitos e formas. Sublinha Roberto Schwarz a respeito do enigmático caso do Bruxo-Profeta do Cosme Velho: “Em certo sentido Machado convergiu com tudo que há de mais impressionante na literatura mundial, só que essa convergência

resulta menos de um trabalho interno, sobre noções e formas, que de uma dose considerável de realismo”. (SCHWARZ, 1982, p. 317).

Eis então como a defesa do Machado-realista, representada por Schwarz e suas ideias sobre “vanguardismo fácil” devido a um certo privilégio cognitivo da periferia, procura responder ao contra-argumento de como equacionar o realismo do escritor considerando o seu excepcional vanguardismo. Schwarz ainda acrescenta:

Eu penso que esses assuntos caminham para a observação [...] sobre o lugar de Machado de Assis na literatura contemporânea. Realmente, se nós olharmos o Brasil como parte da cena contemporânea e não nos limitarmos ao ângulo da história nacional, veremos que aqui certos aspectos do mundo moderno aparecem de maneira particular e que os autores que têm garra para apanhar esse modo particular podem ser autores de vanguarda e “universais”, não só apesar, mas por causa do nosso chamado atraso. (SCHWARZ, 1982, p. 318).

Equacionando incógnitas amplas como periferia e centro, moderno e atrasado, Schwarz sublinha que “vanguardismo fácil” não é especificidade do caso brasileiro: “com as devidas modificações deve valer para a América Latina e toda a periferia do capitalismo.” (SCHWARZ, 1982, p. 317). O crítico sugere então que suas ideias sobre “vanguardismo fácil”, a partir das quais ele defende o realismo de Machado de Assis, ampliando os limites do conceito europeu de realismo, admitem ser extrapoladas para outros escritores da periferia do capitalismo. Foge aos limites desse trabalho empreender tal extrapolação, mas sugerimos que o ensaio de Neil Larsen: “A Note on Lukács’ *The Historical Novel* and the Latin American Tradition”¹⁵ sobre Alejo Carpentier, e o ensaio de Jorge Enrique Adoum, cujo título é homônimo a esse artigo: “O Realismo de Outra Realidade”¹⁶, poderiam dialogar com as ideias de Roberto Schwarz.

Considerações finais

Nesse artigo, procuramos explicitar o quanto a crítica machadiana, representada sobretudo por Roberto Schwarz e, em certa medida, por John Gledson, questionou os padrões normativos da crítica literária ocidental,

¹⁵ Cf. LARSEN, 1986

¹⁶ Cf. ADOUM, 1979

apresentando uma proposta produtiva para o estudo da obra de Machado de Assis a ser compreendida como o realismo de uma outra realidade. Para tanto, essa crítica ampliou os limites do conceito de realismo literário, possibilitando compreender, por trás das excentricidades do que a princípio não aparenta ser realismo, a própria recepção do realismo (o movimento literário contemporâneo ao escritor) pela literatura de uma realidade excêntrica: fora do centro. Assim, do mesmo modo que Machado de Assis evitou tematizar o Brasil através de um impróprio vocabulário europeu, também a crítica machadiana, considerando as relações entre literatura e sociedade, evitou compreender o escritor brasileiro a partir das impropriedades de um vocabulário importado à Europa. Esses críticos não hesitaram – mesmo diante das excentricidades da narrativa machadiana, quando comparada com a narrativa do realismo europeu, e considerando as evidências presentes naquela de uma definitiva relação entre ficção e história, por mais excêntrica que esta se apresentasse – em desafiar os limites impostos pela Europa ao conceito de realismo literário de modo que este pudesse acolher um excêntrico realismo brasileiro.

Referências

ADOUM, J. E. O realismo de outra realidade. In: MORENO, C. F. (Org.). *América Latina em sua Literatura*. Tradução. Luiz João Gayo. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979, p. 201–214.

CANDIDO, A. Esquema de Machado de Assis. In: _____. *Vários Escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1970, p. 15-32.

FACIOLI, V. Várias Histórias para um Homem Célebre. In: BOSI, A. et al. (Orgs.). *Machado de Assis: antologia e estudos*. São Paulo: Ática, 1982, p. 9–59.

FRANCO, J. La Parodie, le Grotesque et le Carnavalesque: quelques conceptions du personnage dans le roman Latino-Américain. In: *Idéologies, Littérature et Société en Amérique Latine: colloque*. Bruxelles: Université de Bruxelles, 1975, p. 57–75.

GLEDSON, J. Brazilian fiction: Machado de Assis to the present. In: KING, J. (Org.). *Modern Latin American Fiction: a survey*. London: Faber and Faber, 1987, p. 18–40.

GLEDSON, J. *The Deceptive Realism of Machado de Assis: a dissenting interpretation of Dom Casmurro*. Liverpool: Francis Cairn, 1984.

LARSEN, N. A Note on Lukács' *The Historical Novel* and the Latin American Tradition. In: BALDERSTON, D. *The Historical Novel in Latin American: a symposium*. Gaithersburg: Hispamerica, Tulane University, 1986, p. 121–128.

LUKÁCS, G. *The Historical Novel*. Tradução. Hannah e Stanley Mitchell. London: Merlin Press, 1962.

MacADAM, A. J. Introduction: Comparative Literature and Latin American Literature. In: _____. *Textual Confrontations: comparative readings in Latin American Literature*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1987, p. 1–27.

RETAMAR, R. F. Pour une Théorie de la Littérature Hispano-Américaine. In: *Idéologies, Littérature et Société en Amérique Latine: colloque*. Bruxelles: Université de Bruxelles, 1975, p. 125–135.

ROUANET, S. P. Contribuição para a Dialética da Volubilidade. Revista USP, São Paulo, n. 9. p.175–194 Mar/Abr/Maio. 1991. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/25567>.

SCHWARZ, R. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

SCHWARZ, R. Machado de Assis: um debate: conversa com Roberto Schwarz. [Entrevista cedida a] Luiz Felipe de Alencastro *et al.* *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, n. 29, Mar. 1991, p. 59–84.

SCHWARZ, R. Quien me Dice que este Personage no sea el Brasil? In: ASSIS, J. M. M. de. *Quincas Borba*. Tradução: Juan Garcia Gayo. Caracas: Biblioteca de Ayacucho, 1979, p. IX–XXXI.

SCHWARZ, R. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1990.

SENA, J. de. Machado de Assis e o seu Quinteto Carioca. In: _____. *Estudos de Cultura e Literatura Brasileira*. Lisboa: Edições 70, 1988, p. 325–335.

STERNE, L. *The life and opinion of Tristram Shandy, gentleman*. Oxford, New York: Oxford University Press, 1983.